

Moda, santidade e gênero na obra hagiográfica de Tomás de Celano¹

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Segundo o Dicionário Houaiss, moda, dentre outras acepções,² pode ser definida como “conjunto de usos coletivos que caracterizam o vestuário de determinado grupo humano num dado momento; a indústria ou o comércio da roupa; história, desenvolvimento e produção da roupa”.³ É neste sentido, de fenômeno associado à produção, comércio, consumo e transformações na indumentária, que podemos afirmar que a moda⁴ surgiu na chamada Baixa Idade Média.⁵

O objetivo deste artigo é analisar as obras *Vida I* (1Cel), *Vida II* (2Cel) e *Legenda de Santa Clara* (LSC), textos hagiográficos redigidos por Tomás de Celano no século XIII e, portanto, contemporâneos ao nascimento da moda no Ocidente, a partir de duas categorias principais de análise: santidade e gênero.

Definimos santidade como o conjunto de comportamentos, atitudes e qualidades que, num determinado lugar e tempo, são critérios para considerar um indivíduo como venerável, seja pelo reconhecimento oficial da Igreja ou não. Quanto à categoria gênero, adotamos a definição de Joan Scott:⁶ um saber, culturalmente construído, a respeito das diferenças sexuais, que está presente em todos os aspectos da experiência humana e a constituem.

Até o momento não encontramos trabalhos historiográficos que articulem os elementos aqui destacados – moda, santidade e gênero – no âmbito das sociedades medievais ocidentais. Os únicos textos localizados relacionam a santidade às indumentárias, entretanto, sem articulá-las ao fenômeno moda. Neste sentido, destacam-se o artigo de Vivian Kay Hudson, *Clothing and Adornment Imagery in “The Scale of Perfection”: A Reflection of Contemplation*,⁷ que analisa como Walter Hilton, autor místico do século XIV, utiliza-se do simbolismo das vestimentas e adornos para apresentar ensinamentos de caráter espiritual; o de Bonnie Effros, *Symbolic Expressions of Sanctity: Gertrude of Nivelles in the Context of Merovingian Mortuary Custom*,⁸ que faz um estudo sobre a simplicidade das vestes mortuárias de Gertrude of Nivelles, falecida em 659; e o livro de Valerie Hotchkiss, *Clothes Make the Man: Female Cross*

Dressing in Medieval Europe,⁹ no qual estuda o travestismo feminino nas vidas de santos medievais.

O único trabalho encontrado que relaciona moda e santidade, porém de forma não sistemática, é o artigo de D. O. Hugnes, *As modas femininas e seu controle*, publicado no volume dedicado ao medievo da obra *História das Mulheres*, organizada por Duby e Perrot.¹⁰ Este texto, que suscitou as reflexões aqui levantadas, analisa o nascimento da moda no Ocidente, demonstrando como tal fenômeno foi associado à mulher e tornou-se tema de misoginia. Ao discutir tal questão, a autora menciona que a renúncia à moda tornou-se um elemento freqüente nas hagiografias das santas a partir do século XIII e representava um rompimento com a identidade social e sexual às quais as santas e suas famílias estavam inseridas.¹¹

A partir das constatações de Hugnes, de caráter geral, objetivamos, neste trabalho, discutir se o nascimento da moda influenciou a concepção de santidade presente nas vidas de santos 1Cel, 2Cel e LSC e se esta foi apreendida e direcionada de forma diferenciada a cada sexo culturalmente instituído.

Optamos por analisar a obra de Celano pelos seguintes fatores: o autor nasceu e viveu grande parte de sua vida na Península Itálica, um importante centro de produção, comercialização e consumo de moda; escreveu tanto sobre um santo, Francisco, como sobre uma santa, Clara; os santos que biografou foram contemporâneos ao surgimento da moda e suas trajetórias não foram imunes a tal fenômeno.

A moda na Idade Média

A expansão demográfica; o maior dinamismo econômico; o aumento da riqueza coletiva; o incremento do comércio e da indústria, em especial a têxtil; o crescimento da vida urbana; o ideal de cortesia; a ampliação das comunicações e deslocamentos entre as diversas regiões ocidentais; o surgimento da burguesia; o nascimento da noção de indivíduo são alguns dos fatores que, interligados, explicam o desenvolvimento da moda no Ocidente a partir de fins do século XII.

Neste momento, em conexão com a expansão da moda, as roupas passaram a ter um caráter multifuncional e polissêmico, indo muito além da função básica de proteger os corpos do vento, da chuva e do sol. As vestes, os sapatos e os acessórios – jóias,

cintos, chapéus etc - tornaram-se instrumentos de ostentação; estratégias de sedução; objetos de valor e signos visíveis das diferenças - sociais, raciais, sexuais, religiosas, econômicas etc. – presentes no seio da sociedade.

Pelos valores a elas agregados, as vestimentas passaram a ser, a um só tempo, bens de alto custo e descartáveis, que exigiam sempre um maior refinamento, especialização e variedade em sua produção. A confecção, o comércio e o consumo de roupas e acessórios, portanto, converteram-se em complexos atos sociais, obedecendo às novas demandas da moda. Desta forma, houve um incremento do comércio, incluindo o de tecidos, o volume de moeda circulante aumentou, a produção de tecidos sofreu transformações e instalaram-se novas relações de trabalho.

Com o objetivo de regular os excessos provocados pelo desenvolvimento da moda, foram promulgadas leis, conhecidas como suntuárias, em diversas localidades do Ocidente, e pregadores e moralistas associaram o luxo e as inovações constantes no campo da indumentária ao diabo e seus seguidores.

Natural de Celano, cidade localizada em Abruzos, região centro-leste da península itálica, Tomás não ficou imune às transformações relacionadas ao nascimento da moda. Além disso, como já destacamos, os próprios santos por ele biografados estiveram ligados a tal fenômeno: Francisco foi um rico comerciante de tecidos finos (1Cel 2, 8) e, segundo o testemunho da *Legenda dos Três Companheiros* (Leg3C, 2), um inventor de moda,¹² e Clara, proveniente de uma família nobre, foi, certamente, uma consumidora de vestes e adornos de luxo.

Em suas obras, Celano faz menções a aspectos relacionados à produção, venda e consumo das peças e adornos do vestuário, bem como às transformações nas funções da indumentária. Dentre os elementos apontados pelo hagiógrafo, destacamos o comércio de tecidos de luxo (1Cel 5), atividade exercida pela família Bernadone, que exigia constantes viagens de negócios (1Cel 8, 13); o enriquecimento proveniente deste comércio (1Cel 1, 14); o desejo de enobrecimento dos *boni homines de populo* (1Cel 4; 2Cel 6);¹³ o papel da indumentária como estratégia de distinção social (1Cel 3; 2Cel 189), e as atividades de tecelagem (1Cel 78; LSC 28).

Tal como era corrente na hagiografia do século XIII, os santos de Celano, ao consagrarem suas vidas a Deus, também rejeitaram ao luxo, conforto e beleza das vestes. Neste sentido, o autor destaca que Francisco, após sua conversão, renunciou a

todos os seus bens, inclusive as roupas que vestia (2Cel 8,12), e substituiu suas vestes, confeccionadas com tecidos preciosos e em cores da moda de então, por farrapos (1Cel 16). Quanto a Clara, afirma que esta, ao sentir o desejo de dedicar-se a Deus, guiada pelo Espírito, passou a utilizar um cilício embaixo de seus ricos vestidos e a desprezar os “enfeites mundanos” (LSC 4 e 6). Entretanto, questionamos: a renúncia à moda, por parte de Francisco e Clara, foi interpretada da mesma forma nas narrativas de Tomás de Celano?

Francisco de Assis e a renúncia à moda em 1Cel e 2Cel

Estar ligado ao “universo da moda” é um traço característico de Francisco de Assis antes da sua conversão em 1Cel. Ele usava “roupas delicadas e luxuosas”, como uma das estratégias para “sobrepajar aos outros no fausto da vanglória” (1Cel 2), e era um “negociante esperto” (1Cel 2), que comercializava “peças de escarlate”¹⁴ (1Cel 8). Um dos gestos mais significativos no processo de conversão do santo foi justamente o ato de despir-se em público, momento em que renuncia, definitivamente e a um só tempo, aos seus bens, à sua atividade como mercador e às suas roupas suntuosas (1Cel 15).

A indumentária é, em 1 Cel, um elemento fundamental para marcar, de forma exterior, a mudança processada no interior do jovem Francisco. Esta transformação é sintetizada pelo o hagiógrafo, em 1 Cel 16, quando narra o assalto sofrido pelo homem de Assis, com a expressão: “Vestido de andrajos, ele [Francisco] que em outros tempos andara de escarlate...”.

Seu novo vestuário, como o dos que o seguiam,¹⁵ era formado somente por uma túnica, feita de panos grosseiros, um calção e uma corda (1Cel 16, 22, 39 e 83), fruto de doações (1Cel 16, 79), que possuía a função primordial de proteger o corpo. O motivo de usar roupas tão simples e rudes é explicitado em 1Cel 22: as vestimentas deveriam ser ásperas, para “crucificar a carne com os vícios e os pecados”, e pobres, para não serem objeto de ambição.

Faz-se importante ressaltar que a relação entre a indumentária inópia e a mortificação do corpo em 1Cel só ocorre nesta passagem, em que Celano relata como Francisco trocou o hábito de eremita pelo de pregador, e reafirma a renúncia do

assisense ao mundo e seus prazeres, incluindo aí, de forma implícita, as roupas suntuosas. Nas seis passagens em que há referências às vestes de Francisco após a sua conversão, presentes em 1Cel (1Cel 16, 21, 22, 39, 79, 83), a correlação com a pobreza figura em todas. Ou seja, o que predomina nesta obra é a associação entre a renúncia à moda e a pobreza

Celano também informa, em 1Cel 76, que Francisco dividia a sua roupa com os pobres ou, quando não tinha o que dar, esmolava para ter vestimentas para doar. Mais do que uma referência ao caráter caridoso do santo, acreditamos que este elemento é, nesta obra, a incorporação de um *topos* hagiográfico, presente nas vidas de santos desde a Vida de Martinho de Tours, escrita por Sulpício Severo, no século IV.

Acreditamos que em 1Cel, o hábito utilizado por Francisco e seus seguidores é, sobretudo, um signo de sua opção por uma vida de pobreza, doação, pregação e serviço a Deus: “Estavam contentes com uma única túnica, remendada às vezes por dentro e por fora: não aparecia nenhum enfeite mas só desprezo e pobreza, para poderem mostrar claramente que nela estavam crucificados para o mundo (1 Cel 39).¹⁶

Em 2Cel, certos aspectos que figuram na 1Cel são retomados e reafirmados. Tal como na 1Cel, vestir-se elegantemente e com luxo (2Cel 5, 8) é um traço que caracteriza Francisco antes de sua conversão, e ficar nu publicamente significa um rito de passagem, no qual ele se desprende das riquezas e da autoridade de seu pai (2Cel 12).

Dos elementos que já aparecem na 1Cel, o que recebe maior destaque nesta obra é o desprendimento do santo para com as roupas, demonstrado já antes de sua conversão. Assim, nos capítulos iniciais, o autor informa que Francisco deu roupas para um cavaleiro carente (2Cel 5), “muitas vezes despiu-se para vestir os pobres” (2Cel 8) e distribuía paramentos para sacerdotes “pobrezinhos” (2Cl 8). Após mudar de vida e renunciar aos seus bens, segundo 2Cel, continuou a praticar a caridade. Neste sentido, doava o que lhe tinha sido dado ou repartia o que usava no momento, estimulando seus companheiros a fazerem o mesmo (2Cel 86, 87, 88, 89, 90, 92, 132, 181, 182, 196). Defendemos que a ênfase, nesta obra, nos episódios em que Francisco doa vestes não é, unicamente, fruto do uso de um lugar comum hagiográfico, tal como na 1Cel. Esta reiteração visa, sobretudo, marcar o seu desprendimento do mundo através da doação de um tipo específico de bem que se tornava cada vez mais precioso: as roupas.

A função básica das vestimentas, a proteção do corpo, é também ratificada em 2Cel. E por tratar-se de um bem essencial, segundo 2Cel 55, as roupas que Francisco usava eram seu único bem: “desde o começo da religião até à morte, sua única riqueza foram uma túnica, o cordão e as calças; não teve mais nada”.¹⁷ A 2Cel sublinha, porém, que tais vestes não eram nem finas nem bonitas (2Cel 43, 69, 130).

Em harmonia com esta posição, a obra inclui críticas aos irmãos que, por excesso de zelo, renunciavam ao mínimo no tocante ao vestir, o que levava à perda da consolação divina e às tentações (2Cel 32). Este caráter pragmático quanto às roupas é ainda sublinhado quando a hagiografia acrescenta que Francisco permitia que os irmãos possuíssem duas túnicas, que as reforçassem com remendos quando necessário e que os doentes usassem, sob a de pano rude, uma túnica mais fina junto ao corpo (2Cel 69). Ou seja, a associação entre as vestes pobres e a penitência corporal, que é mencionada uma única vez em 1Cel, sequer é enunciada em 2Cel.

Porém, a grande diferença entre 1Cel e 2Cel é que, nesta última, com caráter claramente didático, há um capítulo que relata o que Francisco pensava sobre o uso de roupas luxuosas pelos irmãos e o que ensinara no tocante a esta matéria:

(...) Não suportava os que, na Ordem, vestiam-se com roupas finas ou triplicadas. Afirmava que a necessidade que não se firma em razões válidas mas na veleidade é sinal de perda do espírito: “Quando o espírito está frio e se vai esfriando na graça, a carne e o sangue precisam procurar o que é seu”... Ensinava a detestarem os panos luxuosos, e aos que faziam o contrário repreendia fortemente diante de todos. Para escarmentar tais frades com seu exemplo, costurou um saco rude sobre sua túnica... Pois dizia: “Ainda vai haver tamanho relaxamento no rigor, e um domínio tão grande da tibieza, que filhos do pobre pai não vão se envergonhar de usar até púrpura, cuidando apenas de mudar a cor”.

A inserção de tais observações, atribuindo-as a Francisco, tinha, certamente, o objetivo de criticar aqueles que, rompendo com o espírito de pobreza e humildade da Ordem, eram seduzidos pela moda e usavam roupas bonitas e caras.

Em 2 Cel, portanto, a indumentária só possuiu um valor, o de proteger o corpo, e a renúncia à moda é, sobretudo, um signo da opção pela pobreza.

Clara de Assis e a renúncia à moda em LSC

Há poucas referências à moda na LSC. Contudo, pelos dados presentes, é possível concluir que, para Celano, a relação de Clara de Assis com a moda foi bem diferente da de Francisco. Em primeiro lugar, como uma jovem da nobreza, estava distante das atividades relacionadas à confecção e à venda de indumentárias. Por outro lado, segundo o que relata Celano, desde que se interessou pelas questões divinas, desprezou as belas e luxuosas roupas, típicas de seu *status* sócio-econômico, e passou a usar um cilício embaixo dos vestidos finos (LSC 4, 6). Ou seja, diferentemente de Francisco, as vestes não foram, para Clara, um meio de obtenção de riquezas e distinção social, já que, como nobre, a vestimenta valiosa era um elemento inerente a sua posição social.

Também de forma contrária ao ocorrido com Francisco, que ficou nu em público, Clara, no dia em que fugiu de casa e uniu-se aos franciscanos, estava, por recomendação do próprio santo, “bem vestida e elegante”, ato que foi interpretado por Celano como uma preparação para o ritual de passagem, no qual seria trocado o gozo mundano pelo “luto da paixão do Senhor”(LSC 7). Assim, ao juntar-se aos irmãos, ela abandonou os “ornatos variados” e teve seu cabelo cortado (LSC 8).

Segundo Rivair Macedo, durante a Idade Média foi feita uma relação entre vaidade e cabelo e, por extensão, com a sexualidade ou a continência.¹⁸ Desta forma, os longos cabelos eram vistos como símbolo da beleza e da sensualidade feminina e, junto às roupas e jóias, eram instrumentos de sedução. Acreditamos, portanto, que ao narrar a conversão da jovem, Celano sinaliza que esta, ao abandonar os enfeites e estar com o cabelo curto, renunciou, sobretudo, ao seu poder de atrair os homens.

Após retirar-se do *saeculum*, Clara passou a usar somente “uma simples túnica e um rude manto de pano áspero”, sem sapatos (LSC 17). Face ao seu vestuário anterior, provavelmente composto por camisas, *chainses*, peliças, túnicas, vestidos, sobrecotas, mantas, *chausses*, sapatos e acessórios - cintos, véus, luvas e jóias –, confeccionados com tecidos e peles delicados e caros, como era o comum na época entre as mulheres nobres e ricas, sua indumentária era, de fato, pobre. Segundo Celano, porém, este ato não era singular, já que outras irmãs de São Damião também se vestiam com panos grosseiros. Singular, para o hagiógrafo, era o que ela usava debaixo de sua túnica:

Mas, como combinam uma carne virginal e uma roupa de porco? Pois tão santa virgem tinha arranjado uma peça de pele de porco e a usava secretamente debaixo da túnica, com o áspero corte das cerdas aplicado à carne. Usava algumas vezes um duro cilício, trançado em nós com crina de

cavalo, que com ásperas cordinhas apertava fortemente ao corpo de lado a lado (LSC 17).¹⁹

Ou seja, Celano associa a simplicidade das roupas usadas por Clara não com a sua opção por ser pobre, mas a realça como uma expressão da mortificação que esta impunha a sua própria carne. Em LSC, portanto, a renúncia à moda é uma forma de penitência, uma maneira de conter os impulsos e desejos do corpo feminino.

Conclusão

Apesar de todas as transformações que o nascimento da moda operou nos campos social, econômico, jurídico, moral e estético, o estudo de como este fenômeno afetou a construção dos modelos de santidade no Ocidente ainda é um tema que necessita de atenção.

Tomás de Celano viveu no momento em que estas mudanças estimuladas pela moda estavam acontecendo. Mesmo tendo ingressado na Ordem, e talvez até por ter abraçado os ideais franciscanos, não pôde ignorar esta conjuntura. A forma como ele apreendeu este fenômeno e interpretou os atos de Francisco e Clara face à produção, comércio e consumo das indumentárias ficaram registradas em suas obras.

Em 1Cel, escrita a pedido do papa e, portanto, com caráter oficial e voltada para um público amplo, a renúncia à moda é identificada com a opção pela pobreza feita pelo santo. Como era uma obra que visava divulgar a biografia de Francisco e estimular o seu culto, esta associação possuía o objetivo fundamental de caracterizá-lo.

Composta 20 anos mais tarde, no momento em que a Ordem vivia alguns problemas internos, 2Cel dirigia-se aos frades franciscanos. Com objetivos didáticos e denunciando certos comportamentos que considerava contrários aos ideais do fundador, Celano apresenta a negação da moda e o desprendimento para com as roupas, a exemplo do fundador da Ordem, como um traço fundamental da espiritualidade franciscana, pautada na opção pela pobreza individual e coletiva.

Já a LSC, segundo Bartoli, foi uma hagiografia voltada para as mulheres,²⁰ sobretudo para as que optaram por seguir os passos de Clara. Como Celano, durante

anos, deu assistência às clarissas de Tagliacozzo, certamente tinha uma visão nítida de como deveria ser o comportamento das religiosas e utilizou-se da biografia de Clara para difundi-lo entre as irmãs. Partilhando do pensamento misógino corrente em sua época, que via as mulheres como corruptoras naturais dos homens por sua sensualidade desregrada,²¹ associou a moda ao potencial de sedução feminino. Neste sentido, na LSC, o desprezo e o abandono dos ornamentos e roupas finas e a mortificação da carne estão associados na construção da santidade de Clara.

Celano, tal como outros hagiógrafos contemporâneos, vê a renúncia à moda como uma expressão de santidade. Concluímos, contudo, que ele interpreta esta negação com diretivas de gênero: para Francisco, abandonar as vestes suntuosas é, sobretudo, um símbolo de sua opção pela pobreza; para Clara, é signo da negação de sua sexualidade.

¹ Este artigo apresenta conclusões parciais da pesquisa em andamento intitulada *Santidade e Gênero na Hagiografia Mediterrânea no século XIII: um estudo comparativo*, que conta com o apoio financeiro do CNPq.

² Em português, o termo moda também pode significar: “1. maneira, costume, feição, modo; 2. vontade, fantasia, capricho; 3. Ária, cantiga.; 5. Um grande interesse, fixação, mania”. Cf. *NOVO Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa. Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (CD-ROM).

³ *DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (CD-ROM).

⁴ O fenômeno moda surgiu antes do termo que o define. Segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo moda passou ao português do francês *mode* (sXV), substantivo feminino que pode ser definido como costume, estilo momentâneo ou não duradouro. Os termos presentes nos documentos analisados que indicam a beleza e o luxo dos tecidos e das indumentárias e acessórios são, dentre outros, *vestibus mollibus et fluidis; pretiosis vestibus; ornatus decorem; ornatus varios; delicatissimos pannos*. Cf. *DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0* e o texto latino das obras de Celano. Para a transcrição dos documentos franciscanos do século XIII, utilizamos o texto bilingüe latim-português publicado por José Carlos Correia Pedroso em www.procasp.org.br.

⁵ Segundo Pastoureau, a moda nasceu no Ocidente em fins do século XII. Cf. PASTOUREAU, M. *A vida cotidiana no tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 88.

⁶ Cf. SCOTT, J. Prefácio a *Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu*, n. 3, p. 11-27, 1994.

⁷ HUDSON, Vivian Kay. Clothing and Adornment Imagery in "The Scale of Perfection": A Reflection of Contemplation. *Studies in Spirituality*, n. 4, p. 116-145, 1994.

⁸ EFFROS, Bonnie. Symbolic Expressions of Sanctity: Gertrude of Nivelles in the Context of Merovingian Mortuary Custom. *Viator: Medieval and Renaissance Studies*, n. 27, p. 1-10, 1996.

⁹ HOTCHKISS, Valerie R *Clothes Make the Man: Female Cross Dressing in Medieval Europe*. New York: Garland Publishing, 1996.

¹⁰ HUGUES, D. O. Las modas femeninas y su control. In: DUBY, G., PERROT, M. (Dir.) *Historia de las Mujeres*. Taurus: Madrid, 1992. V. 3: La Edad Media: La mujer en la familia y en la sociedad. p. 171-195.

¹¹ Segundo Hugues, este tema também aparece na vida de alguns santos, como a de Francisco de Assis. Porém, para esta autora, no caso dos homens, a renúncia à moda era um meio de “someter la carne como medio de libración del espíritu”. Idem, p. 187.

¹² Segundo este documento, Francisco “... era tão vaidoso na extravagância que às vezes fazia costurar na mesma roupa um pano muito caro e outro muito ordinário”.

¹³ Segundo Waley, para dar contas das diferenças socioeconômicas nas cidades italianas no século XIII foram forjadas diversas expressões. A que apresentamos aqui, *boni homines de populo*, denominava os ricos e poderosos não nobres. WALEY, D. *Las ciudades-república italianas*. Madrid: Guadarrama, 1969. p. 44.

¹⁴ Segundo Lázaro Iriarte, “*Escarlata*, palavra reservada hoy día al color rojo vivo, hasta el siglo XVI designó un tinte brillante de color blanco, azul o verde”. In: www.franciscanos.org.fuentes/1Cel01.html.

¹⁵ Quando Bernardo opta por seguir a Francisco, Celano afirma que este “juntou-se a Francisco na vida e no hábito” (1 Cel 24).

¹⁶ É interessante verificar, nesta passagem, a oposição entre os enfeites, recursos utilizados nas vestes para embeleza-las, com os remendos, signos da pobreza e humildade dos irmãos.

¹⁷ Bem que um pouco antes da sua morte também é renunciado: “sentindo já próximo seus últimos dias, em que a luz perpétua substituiria a luz que se acaba, demonstrou pelo exemplo de sua virtude que não tinha nada em comum com o mundo. Prostrado pela doença grave que encerrou todos os seus sofrimentos, fez com que o colocassem nu sobre a terra nua, para que, naquela hora extrema em que ainda podia enraivecer o inimigo, estivesse preparado para lutar nu contra o adversário nu” (2Cel 214). Veja também 2Cel 215.

¹⁸ MACEDO, J. R. Transgressão Conjugal e Mutilação Ritual nos Fabliaux (Séc XIII). In: MALEVAL, M. A. T. (Org.). *Atualizações da Idade Média*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000. p. 187-221.

¹⁹ Este dado é repetido em LSC 30.

²⁰ BARTOLI, M. *Clara de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 45.

²¹ Sobre o discurso misógino elaborado nos séculos finais da Idade Média há uma ampla bibliografia. Cito somente alguns textos: BLOCH, R.H. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Medieval*. Rio de Janeiro: Ed. 35, 1995; PILOSU, M. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1995; JENASI SARANYANA, Josep. La discusión medieval sobre la condición feminina (siglos VIII al XIII). *Medievalia*, n. 26, p. 1-8, 1997; DALARUN, J. La mujer a ojos de los clérigos e CASAGRANDE, C. La mujer custodiada. In: DUBY, G., PERROT, M. (Dir.) *Historia de las mujeres*. Madrid: Taurus, 1992.